

FORMAÇÃO DISCURSIVA/IDEOLÓGICA
E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO
NA CARTA-TESTAMENTO
DE GETÚLIO VARGAS *

Renato de Mello **

Resumo: Partindo de concepções teóricas próprias da Análise do Discurso tais como formação discursiva/ideológica e condições de produção do discurso, propomos, no presente trabalho, algumas reflexões sobre a "Carta-Testamento" de Getúlio Vargas, buscando identificar no texto alguns percursos semânticos intradiscursivos, uma contradição interdiscursiva, aspectos das condições e do território comum do locutor e do interlocutor, das formas de interação verbal com as condições concretas em que se realiza, além de algumas marcas do locutor e do alocutário.

A partir de alguns conceitos advindos da Análise do Discurso, este texto pretende identificar na *Carta-Testamento* de Getúlio Vargas percursos semânticos intradiscursivos, uma contradição interdiscursiva, aspectos das condições (imaginárias de representação dos lugares sociais) de produção desse discurso,

* Recebido para publicação em março de 2002.

** Professor do Departamento de Letras Românicas da Faculdade de Letras da UFMG.

aspectos do “território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1979:99), aspectos das “formas [...] de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza” (BAKHTIN, 1979:110) além de algumas marcas do “alocutário” postulado (BENVENISTE, 1989:84-90) no texto.

Observamos que as formações discursivas da *Carta-Testamento* de Getúlio Vargas, assim como de qualquer outro discurso, se relacionam interdiscursivamente com outros discursos e se organizam intradiscursivamente a partir do conjunto de percursos semânticos temáticos ou figurativos. Esta interação é constitutiva, visto que é próprio, é condição sine qua non, que todo texto se relacione com outros textos, seja por adesão, por semelhança ou por oposição. Daí podermos afirmar que todo texto é polifônico e dialógico, princípios constitutivos da linguagem e de todo discurso. A *Carta-Testamento* de Getúlio Vargas se insere (e interage) no universo discursivo onde se encontram todos os discursos. Dito de outro modo, esta *Carta-Testamento* é apenas parte de mais um discurso entre todos os outros discursos, mas é, também, um texto único produzido em um tempo e em um espaço determinado: Rio de Janeiro, 1954; e por um sujeito também único: Getúlio Vargas. Vejamos como todos esses conceitos se aplicam à *Carta-Testamento* de Getúlio Vargas.

O universo discursivo no qual a *Carta-Testamento*, de Getúlio Vargas se insere pode ser entendido como “a totalidade de formações discursivas que interagem em uma conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 1984:27). Essa conjuntura dada inscreve-se, evidentemente, em um tempo e em um espaço específico, podendo ser infinitamente rearranjada. O campo discursivo surge da necessidade de se fazer um corte no universo discursivo por ser este muito extenso. O campo discursivo abrangeria, no nosso estudo, dois grandes percursos semânticos intradis-

cursivos: o político e o religioso. No campo político temos a personagem principal, o Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, que se dirige às outras personagens, o povo brasileiro e àqueles que lutam contra seu governo. No campo religioso, temos um narrador que se vê “crucificado” por seus inimigos e que dá a vida para salvar seu povo.

A formação discursiva em hegemonia na *Carta-Testamento* de Getúlio Vargas pode ser identificada como nacionalista: “... grupos econômicos e financeiros internacionais”. O autor da Carta toma partido do povo brasileiro, dos trabalhadores, dos humildes e oprimidos no Brasil. Getúlio Vargas é o representante legítimo desse povo: “Voltei ao governo nos braços do povo”; ele se sente responsável por este povo: “Eu vos dei a minha vida”. A hegemonia do discurso em favor do povo brasileiro se dá em oposição a elementos que servem de apoio na construção do discurso daqueles que se opõem ao seu governo, de uma classe dominante que quer o poder: “forças e interesses [...] de grupos nacionais e internacionais”. Assim, o texto se estrutura entre dois pilares que se opõem: de um lado o presidente e o povo brasileiro (pessoas de bem, trabalhadores e pobres oprimidos) e do outro os que compõem a força oculta contra seu governo: os grupos internacionais e alguns nacionais que alimentam uma campanha contra o governo Vargas, que visam somente os lucros e a remessa desses lucros ao estrangeiro. O narrador toma partido do povo brasileiro, dos fracos, humildes e oprimidos. Mais uma marca intradiscursiva da adesão do narrador ao discurso hegemônico com o qual os trabalhadores brasileiros se identificam é o legado de conquistas deixado pelo Presidente ao povo brasileiro: regime de garantia de trabalho, regime de libertação e de instauração da liberdade social, o salário mínimo, a Petrobrás, a Eletrobrás, etc.

Outro procedimento lingüístico que mostra a hegemonia

do discurso do povo brasileiro oprimido se dá quando o narrador coloca a possibilidade de inversão, de mudança dessa situação de opressão. O narrador percebe que somente através de sua morte é possível mudar a situação de risco instaurada no Brasil. Getúlio Vargas acredita que com sua morte haverá mais consciência política, mais politização e, desse modo, o Brasil estará a salvo dos seus inimigos.

Ainda no nível do intradiscurso, e como percurso semântico figurativo, identificamos o percurso semântico religioso. Getúlio se coloca como o “Salvador” e, principalmente, o “Salvador da Pátria”. Como procedimento lingüístico desse discurso messiânico-religioso, temos, por exemplo:

– a salvação pela morte: “Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte”.

– o sacrifício pelos filhos: “Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate.”

– o perdão aos inimigos: “Ao ódio respondo com perdão”.

– a ressurreição: “... saio da vida para entrar na História”.

Vemos que o narrador se compara a Deus. Isso nos leva ao interdiscurso com a Bíblia e com a vida de Jesus Cristo. Vale lembrar que tanto no campo político quanto no campo messiânico-religioso o narrador se apresenta como PAI, aquele que cuida de seus filhos e é capaz de dar a vida por eles.

No nível do interdiscurso temos uma pluralidade de vozes que dialogam na *Carta-Testamento* de Getúlio Vargas. A relação interdiscursiva mais nítida, mais facilmente identificável é, sem dúvida, com o discurso histórico brasileiro. O narrador, nessa Carta, conhece bem a história e a situação política do Brasil, principalmente a história da exploração dos trabalhadores no Brasil e os riscos de um golpe de Estado. Aqui, o locutor constrói a imagem de um interlocutor brasileiro capaz de entender a situação de risco do Brasil. Outra relação interdiscursiva facil-

mente identificada é a remissão ao texto literário em forma de *journal intime*. Este texto também pode ser visto como documento institucionalizado, reconhecido como “testamento”. O autor não é somente um cidadão; ele representa uma instituição, ele é uma instituição que deixa para o povo brasileiro, como herança, sua vida e seus bens. Um desses bens é justamente essa *Carta-Testamento*. Essa Carta sintetiza todos os outros bens que ele deixa para a posteridade: sua honra, sua moral, sua responsabilidade para com o povo, com a nação, sua vida e sua morte. Deixa, também, todas as conquistas sociais. Assim, literatura e história se unem para dar uma terceira coisa: a *Carta-Testamento* de Getúlio Vargas.

Percebemos que a ideologia se faz presente em qualquer discurso, e sua morada é a palavra, que “está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BAKHTIN, 1979:32). Sendo a palavra capaz de preencher qualquer espécie de função ideológica, na *Carta-Testamento* podemos identificar uma atividade da “comunicação na vida cotidiana” (BAKHTIN, 1979:37) que, estilizada literariamente por meio do signo (metonímico) *Carta-Testamento*, “não apenas nele se reflete, mas também se refrata” (BAKHTIN, 1979:46). A expressão *Carta-Testamento* deixa de significar somente um documento onde uma pessoa deixa alguma herança a alguém para se tornar uma denúncia contra uma tentativa de golpe militar, um desabafo ao povo brasileiro, uma arma contra os inimigos políticos, uma despedida honrosa, um suicídio justificável, para citar apenas alguns dos objetivos de Getúlio Vargas.

Getúlio Vargas tinha plena consciência de seu ato, escreveu uma *Carta-Testamento* que tinha certeza chegaria a todos os brasileiros. Um narrador que conhecia bem seu destinatário, seu auditório social, seus interlocutores diretamente envolvidos

naquela enunciação enunciada: todo o vasto conjunto de pessoas que partilhavam, juntamente com ele, daquele momento histórico, daquela realidade. Ele sabia que o meio físico usado para se comunicar com a massa – uma carta, uma folha de papel escrita a tinta – não teria um destinatário único como é previsto para cartas. Essa Carta seria lida em todas as rádios do Brasil e seria publicada em todos os jornais. Esse era o seu trunfo. Uma carta com estrutura de testamento, concisa, com apenas cinco parágrafos, mas com poder de mudar o rumo da história do Brasil. Enfim, Getúlio Vargas tinha consciência do desdobramento de seu ato individual: essa Carta seria endereçada a todos os brasileiros, ela seria divulgada e haveria reações em cadeia. Uma Carta que não anuncia sua morte, apenas a explica. Sua morte, igualmente, teria desdobramentos: era o fim de uma vida e o início de um novo tempo.

Desse modo, Getúlio tinha domínio total do horizonte social. Tudo o que disse tinha não só endereço certo, mas também referentes específicos. Ele não só sabia para quem falava, mas também o que falava e sabia que seus interlocutores dividiam com ele esse referente. Getúlio Vargas tinha plena consciência ideológica, conhecia bem a “ideologia do cotidiano”, se valeu dessa consciência e dessa ideologia para compor a Carta, através de um discurso coeso, orgânico, institucionalizado e articulado a um discurso do senso comum, leigo, difuso, de seus interlocutores.

A *Carta-Testamento*, assim como qualquer texto, instaura a instância do leitor. É ele quem vai ler, fazer inferências, enfim, compreender, interpretar, re-compor e co-produzir o texto, no nível do inter e do intradiscurso. De certa forma, a *Carta-Testamento* instaura várias instâncias de leitores. Uma dessas instâncias é chamada de “leitor instituído” (MAINGUENEAU, 1996) ou “leitor modelo” (ECO, 1986), e a outra é a do “leitor

empírico” ou “enunciatório real”, aquele que realmente tiver acesso ao texto. Sabemos que todo e qualquer texto se constrói de forma interacional. Se há alguma mensagem, haverá, sem dúvida, um enunciador e um enunciatório. Sabemos, também, que essa interação discursiva não é aleatória, que ela se constrói muitas vezes a partir de certas regularidades estabelecidas no discurso, através de marcas lingüísticas. O leitor instituído da *Carta-Testamento* é, na verdade, uma instância criada pelo autor também instituído, ou seja, uma criação discursiva, uma presença no ato de linguagem explicitamente marcada: “Escolho este meio de estar sempre convosco”. O leitor instituído é uma previsibilidade, uma intencionalidade do autor instituído. Ele é condição indispensável não só da própria capacidade concreta de comunicação/interação, mas também, da própria potencialidade significativa do texto. Segundo Maingueneau (1996:35), “(...) pode-se definir leitor instituído como a instância que a própria enunciação do texto implica, já que o último pertence a este ou àquele gênero, ou, mais amplamente, se desdobra neste ou naqueles registros.”

Podemos afirmar que na *Carta-Testamento* de Getúlio Vargas há várias referências explícitas aos leitores instituídos. Outra constatação possível é que o autor instituído, ou seja, o narrador – Presidente da República – também é a personagem principal da Carta. A Carta de Getúlio Vargas está escrita em língua portuguesa e está dirigida explicitamente ao povo brasileiro: “*Nada mais vos posso dar*”. O autor instituído espera que o que ele diz na *Carta-Testamento* seja lido, entendido, interpretado por todos, visto que a Carta é endereçada a todo o povo brasileiro (inclusive aos analfabetos), aos amigos e aos inimigos nacionais e estrangeiros. Desse modo, percebemos a importância do leitor instituído como co-enunciador, co-produtor de sentidos, desde que ele tenha um conhecimento

prévio do universo discursivo. Fica claro, também, que o leitor empírico (real) é levado pelo texto a fazer suas próprias inferências, preenchendo os vazios do texto, para que os sentidos possíveis possam ser construídos. Getúlio Vargas não conta somente com a competência enciclopédica de seus leitores empíricos, mas, sobretudo, com sua capacidade de fazer inferências que apontem para um universo ideológico onde se percebe um discurso nacionalista, antigolpista, a favor dos trabalhadores, dos pobres e oprimidos brasileiros.

Percebemos que o narrador Getúlio Vargas se vê ao mesmo tempo como vítima de uma perseguição política e econômica e como o salvador da Pátria, do povo brasileiro, o agente. Getúlio vê, também, o povo brasileiro paradoxalmente ativo e passivo. Passivo porque recebe de seu Presidente todas as conquistas sociais, além de sua própria vida. Ativo porque sabe que, após sua morte, seu povo não ficará inerte, lutará para mudar o rumo da história. Desse modo o povo é tido como aliado, como testemunha, como parceiro ativo e passivo. Percebemos as marcas formais da comunhão de Getúlio Vargas com seu alocutário nos pronomes na primeira do plural, para marcar a união dos interlocutores: "... nossas riquezas..."; na segunda do plural, para marcar o destinatário receptor de todas as boas ações: "... Nada mais vos posso dar..."; "Quando vos humilharrem..."; "...vossa porta..."; e, finalmente, na terceira pessoa do plural, para marcar o lugar dos inimigos: "aos que pensam..."; "Não me acusam, caluniam...". Além dessas marcas formais, temos marcas implícitas que marcam a comunhão entre Getúlio Vargas e o povo: [nossa] Petrobrás; [nossa] Eletrobrás; [nosso] país.

A história nos mostra que Getúlio apostou certo. Os leitores empíricos leram sua Carta com uma proposta de ação, de continuação da luta pelas conquistas sociais, contra os que só

visavam os lucros e espoliavam o país. Se o objetivo da Carta foi intimidar e/ou chantagear o povo a fazer algo pelo Brasil, Getúlio Vargas conseguiu o que queria: entrou para a História, adiou por dez anos o golpe militar, passou a responsabilidade da luta pelas conquistas sociais ao povo brasileiro.

Résumé: *A partir de concepts théoriques propres à l'Analyse du Discours tels que formation discursive /idéologique et conditions de production du discours, nous proposons, dans ce travail, quelques réflexions sur la "Lettre-Testament" de Getúlio Vargas, en essayant d'identifier dans le texte quelques parcours sémantiques intradiscursifs, une contradiction interdiscursive, des aspects des conditions et du territoire commun du locuteur et de l'interlocuteur, des formes d'interaction verbale avec les conditions concrètes dans lesquelles elles se réalisent et quelques marques du locuteur et de l'interlocuteur.*

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BENVENISTE, E. "O aparelho formal da enunciação". In: *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- ECO, H. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FARIA, A. A. M. *Sobre Germinal: Interdiscurso, intradiscurso e leitura. Tese de doutorado*. São Paulo: USP, 1999.
- FIORIN, J. L. "O romance e a simulação do funcionamento real do discurso", In BRAIT, B (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.

MAINGUENEAU, D. "A leitura como enunciação". In: *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PÊCHEUX, M. "Análise automática do discurso". In GADET, F. e HAK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.

VARGAS, G. "Carta-Testamento". In: *Getúlio Vargas e sua época*. FARIA, A. A. C & BARROS, E. L. São Paulo: Ed. Barros, História Popular n.8, 1988.

Anexo

"CARTA-TESTAMENTO" DE GETÚLIO VARGAS

"Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim.

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia de trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

Assumi o governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores de trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constantes de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a res-posta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para lutar por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. ao ódio respondo com perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de que fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo a caminho da eternidade, e saio da vida para entrar na História.”